



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5785 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE DOCENTES DE UMA ESCOLA RURAL (1964-1985)

Darciel Pasinato - UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA DE DOCENTES DE UMA ESCOLA RURAL (1964-1985)

RESUMO: O estudo tem por objetivo examinar as memórias de infância de docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aníbal Magni, localizada na comunidade de Arroio Grande, no pequeno município de Selbach, no norte do Rio Grande do Sul, Brasil, no período da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). A análise deste estudo se insere na área da História da Educação, mais especificamente relacionada à história cultural. Nesse texto, optou-se pela entrevista narrativa valendo-se da metodologia da História Oral. Diante dos relatos de infância dos docentes, percebemos que a maioria dos envolvidos relembram suas experiências e idealizam o passado escolar. Esses sujeitos sentem-se ainda pertencentes a um mesmo grupo e desenvolvem um discurso comum. Suas memórias, evitam temas que consigam macular uma narrativa, construída como harmônica e de descobertas vividas naquele ambiente educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História Oral. Ditadura Civil-Militar brasileira.

A história sobre as narrativas de quem trabalhou em uma determinada escola constituiu, uma das memórias possíveis, entre outras, de um campo de oportunidades. Buscou-se, ao longo do estudo, desenvolver um olhar sobre o tempo que se passou, estabelecer uma maneira de identificar aquela realidade e de esclarecer o passado vivido em uma escola rural.

Entender as memórias de infância de uma instituição rural fundamenta-se como uma espécie de desobediência aos costumes de uma época, marcada pela homogeneização, quando se estruturam culturas, pensamentos e comportamentos. No campo educacional, a situação não difere, isto é, ainda são pouco estudadas as particularidades de algumas práticas educativas, predominando o padrão e a norma, aliadas às grandes narrativas da História da Educação.

O estudo tem por objetivo examinar as memórias de infância de docentes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aníbal Magni, localizada na comunidade de Arroio Grande, no pequeno município de Selbach, no norte do Rio Grande do Sul, Brasil, no período da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985). O estudo além da introdução e das considerações finais, divide-se em três partes. Na primeira parte, analisamos a fundamentação teórico-metodológica das fontes orais. Na segunda parte, estudamos um pouco da história da comunidade de Arroio Grande. Na terceira parte, investigamos as memórias de infância dos docentes rurais.

A análise deste estudo se insere na área da História da Educação, mais especificamente relacionada à história cultural. Essas temáticas buscam comprovar, com base no desenvolvimento de objetos, temas e fontes de pesquisa, que o passado é por definição um dado que coisa alguma pode transformar. (BLOCH, 1995).

O que significa falar que o passado é inacabado, no sentido de que o futuro o utiliza de diversas maneiras. Daí a relevância, de que cada geração reescreva as histórias daqueles que a antecederam. Geralmente, a história cultural também pode ser descrita como apreensão com o simbólico e suas interpretações. (BURKE, 2003).

O estudo se fundamenta pela possibilidade de se entender o passado e instituir relações com o presente a partir de narrativas. De acordo com Le Goff (1994) é da investigação de interpretação dos registros, da memória que se restabelece a história, porque é na lembrança, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, busca libertar o passado para adequar o presente e o futuro.

A memória é uma riqueza infinita do qual só lembramos um fragmento. Constantemente, as mais vivas lembranças surgiam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram relatadas em confiança, como sigilosas. Memória puxa lembrança e seria necessário um escutador infinito. (BOSI, 1994).

Cabe assinalar, que para constituir a memória procuramos apoio nos conselhos de Benjamin (2012) quando informa que o dom do relator é poder contar sua vida. O cronista que narra os acontecimentos, não compreende entre os grandes e pequenos, mas leva em conta a verdade de que nada do que um dia ocorreu pode ser considerado desaparecido para a história. Preferir historicamente o passado não significa dominá-lo tal como ele é, mas apoderar-se de uma recordação.

Os julgamentos pelos quais percorre a oralidade têm em suas manifestações a justificativa de que a narrativa não passa de uma lembrança e que, dessa forma, está sujeita aos efeitos do tempo, sendo capaz, em algumas situações, alterar os rumos da pesquisa. Nas palavras de Catani (1997), isso ocorreu por causa do fato de que as práticas docentes foram examinadas em função de parâmetros educacionais, e nesse meio tempo, vistas como não-científicas, logo, não merecedores de crédito.

A investigação sustentada na memória e história oral leva os principiantes a algumas inseguranças, mas encontramos suporte nos não iniciantes quando esclarecem que as narrativas são repletas de dúvidas, incertezas, silêncios, recordações e datas imprecisas, mas também de certezas, de emoções e de vontade de auxiliar a descobrir todas as cores dessa trama. (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012).

Alberti (2013) apresenta a importância da história oral, ressaltando que qualquer tema atual e que ainda existem aqueles que têm algo a falar sobre determinado assunto, é passível de ser estudado utilizando-a. A pesquisa com fontes orais sustenta-se em entendimentos individuais,

evidentes nas entrevistas, que são reconhecidas como fontes, integrando, dessa forma, elementos e concepções às vezes ausentes de outras realidades históricas, visto que tradicionalmente referentes apenas a indivíduos, como tendência, as emoções ou o cotidiano.

O grupo social é formado por cinco sujeitos, que foram docentes da área rural na Escola Aníbal Magni, que retratam o conjunto de memórias, que estão nos documentos elaborados, a partir das memórias coletadas ao longo da pesquisa realizada no ano de 2019. Utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade e não evidenciar a opinião de nenhum professor. Ressalta-se que a média de idade dos docentes é de 78 anos.

Nesse texto, optou-se pela entrevista narrativa valendo-se da metodologia da História Oral. Usando-se desta modalidade de entrevista, definiu-se um roteiro com questões com foco nas memórias de infância de docentes da Escola Aníbal Magni no período que compreende a Ditadura Civil-Militar brasileira. Pretende-se investigar as seguintes categorias de análise: a) infância dos docentes; b) nos tempos da escola.

Para a realização das entrevistas procuramos acompanhar as advertências de Thompson (1992), quando declara que o historiador deve ir para a entrevista para entender, sentar-se ao pé do outro, disposto a aprender com os mais velhos, que viveram experiências as quais desconsideramos. Cabe evidenciar, o que Bourdieu (1997) define sobre a entrevista, que o diálogo pode ser entendido como uma configuração de exercício espiritual, propondo-se obter pela ausência de si, uma verdadeira transformação do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias da vida.

Todos os sujeitos da pesquisa consultados aceitaram contribuir com o estudo e foram hospitaleiros e receptivos. Durante a primeira abordagem para a participação na pesquisa, após receber o aceite, realizamos perguntas gerais para saber informações iniciais sobre a trajetória do colaborador(a). Constatamos que os sujeitos se organizaram para a entrevista, esquematizando elementos a considerar nas suas narrativas e até mesmo cuidando para que o espaço e o momento de sua realização não fossem interrompidos. Após finalizadas, fizemos as transcrições imediatas das entrevistas.

Apresentamos a seguir, um pouco da História do Município de Selbach e da comunidade de Arroio Grande, onde se localiza a Escola Municipal de Ensino Fundamental Aníbal Magni. Selbach é um pequeno município com cerca de cinco mil habitantes, localizado no norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Sua colonização inicia em 1905, com a chegada das primeiras famílias de origem germânica. Em 22 de setembro de 1965, foi criado o Município de Selbach. Em 13 de maio de 1966, foi instalado o Município e nomeado Benno Ely como interventor federal. (PREFEITURA, 1991).

A partir de 1910, surgiram os primeiros colonizadores da comunidade de Arroio Grande. Adquiriram as terras de Miguel Matte, então procurador do Coronel Jacob Selbach Júnior. Os primeiros colonizadores foram as famílias de Augusto Freiberg, Emílio Bougarth, Guilherme Grafunda e Guilherme Streck, oriundos de Cachoeira do Sul. A fertilidade e o preço baixo dessas terras, vinham de encontro ao interesse pessoal desses colonos, porque tinham como objetivo, povoar e produzir, bem como um novo lar e uma propriedade, própria para suas famílias. (WEBER; HOLZ, 1999).

Preocupados com o aumento da população na comunidade e com o número elevado de crianças em idade escolar, os colonos acabam incentivando o início da atividade escolar. Entre 1922 e 1931 começa a funcionar a primeira escola na Igreja Luterana. Os alunos não aprendiam o conteúdo na língua portuguesa, apenas na língua alemã. As turmas eram multisseriadas e os professores ensinavam a leitura, a escrita e a matemática. (FINGER et al., 1996).

Em 1956, o número de alunos crescia e era necessário um espaço físico adequado. A Escola muda de lugar e é deslocada para uma casa na propriedade de Lídio Streck. Na década de 1950, por iniciativa de alguns pais de alunos e para melhorar o atendimento às crianças foi adquirida uma área de terra de Baldoíno Karling. Foi construída uma escola de madeira, inaugurada em 1961. Funcionou até 1974, quando foi destruída por um temporal. (WEBER; HOLZ, 1999).

Em 1975 foi inaugurada a Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Aníbal Magni. Com poucos recursos disponíveis e com o aumento do número de alunos devido ao crescimento da comunidade, o terreno foi cedido ao Estado na década de 1970. Em 1987, a escola foi municipalizada, recebendo o nome de Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Aníbal Magni. Em 1989 foi implantada a 6ª série, em 1990 a 7ª série e em 1991 a 8ª série, passando a ser Escola de 1º Grau Completo. A partir de 1996, com a promulgação da Lei n. 9.394, passa a chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental Aníbal Magni. (WEBER; HOLZ, 1999).

Nesta parte do texto, vamos analisar as categorias de análise: infância dos docentes e nos tempos da escola, de acordo com as narrativas dos docentes rurais. É importante salientar, que estes professores ainda hoje são lembrados pela comunidade de Arroio Grande, devido a sua atuação marcante na Escola Aníbal Magni, entre as décadas de 1960 e 1980.

Em relação a sua infância, a professora Lúcia (2019) lembra que um fato marcante foi que seus pais costumavam se mudar bastante, pelo fato de seu pai ser professor leigo.

Cada local que nós habitava toda a família se envolvia. A minha mãe era uma líder, dona de casa, era conhecida como “a mulher do professor”. A mãe costumava fazer o complemento do pai, auxiliava na comunidade, porque o pai tinha vários alunos. O professor era bem visto na comunidade, porém os filhos não podiam dar mal exemplo. (LÚCIA, 2019).

A infância do professor Olívio (2019) foi muito difícil, pelo fato de ser um morador do interior. A educação era complicada,

[...] o que chama a atenção, que tinha aula de segunda a sábado. O professor era “tirado” da comunidade que tinha mais instrução. Os pais e a prefeitura tinham que pagar o professor. Não se escrevia em cadernos. Tinha uma lousa com uma pena. A gente escrevia e mostrava para o professor e depois apagava. Não ficava nada registrado para o aluno. Lembro que se cantava nos sábados pela manhã na escola. (OLÍVIO, 2019).

A professora Beatriz (2019) conta que sua infância foi marcada por diversas brincadeiras educativas.

Nós brincava de esconde-esconde e jogava caçador na escola. Eram três gurus e três meninas [turma da escola]. Ajudava o pai no serviço da alfaiataria. Era meio dia na escola e meio dia no trabalho. O pai era muito religioso e nós tinha que ir até Espumoso/RS na missa, eram quatro quilômetros de caminhada. Todo domingo tinha que ir na missa. (BEATRIZ, 2019).

No que diz respeito a infância, o professor Pedro (2019) relata que nasceu no interior de Santa Isabel, comunidade que pertence ao Município de Selbach.

Meus avós eram imigrantes vindos da Alemanha. Fui três anos na Escola de Santa Isabel. Depois fui para o Seminário através de um padre. Meu pai queria que fosse padre. Cheguei no Seminário e o padre disse que os guri do interior eram fracos [conteúdos escolares]. Tive uma professora freira de Matemática que deu problema, afirmou que tinha colado numa prova e tive que voltar para o segundo ano. (PEDRO, 2019).

Percebemos que, segundo as narrativas dos docentes, boa parte das suas lembranças da época da infância estão vinculadas as escolas onde estudaram. É interessante destacar, que os docentes da Escola Aníbal Magni foram alunos na década de 1950. Nesse período, os professores não tinham formação acadêmica e eram classes multisseriadas. A pobreza fazia parte do cotidiano dos alunos e docentes.

A professora Lourdes (2019) destaca que na época que era aluna tinha que caminhar cerca de cinco quilômetros para chegar até a escola.

A minha professora trocava as palavras [letra *p* pela letra *b*, por exemplo]. A professora tinha entre 80 e 90 alunos numa mesma sala. O pai me dava um “níquel” [moeda] para pagar a professora. A professora era rígida para dominar tantos alunos. A escola era de madeira. Era suja por ser limpada apenas no sábado pelos alunos. A professora fazia um ditado no final do ano para todos os alunos. (LOURDES, 2019).

Na época que foi aluno, o professor Olívio (2019) lembra que tinha oito anos quando começou a estudar. Além disso, no frio tinha pouca roupa,

[...] devido à pobreza, a maioria dos alunos eram de baixa renda. Era um professor para cinco turmas. Na escola que estudei tinha entre vinte e vinte e cinco alunos. As escolas eram de madeira no interior. Precisava caminhar oito quilômetros até a escola. Se encontrava alguém [adulto] na estrada tinha que levantar o chapéu, questão de respeito. (OLÍVIO, 2019).

A professora Beatriz (2019) recorda que na época que foi estudante, a sua comunidade era pequena e por isso, tinha poucos alunos na escola.

Era uma escola municipal, era uma professora para cinco classes. A escola ficava na Linha Teutônia [Município de Tapera/RS]. A gente aprendia pouco, porque a professora tinha poucos conhecimentos. Tinha sete anos quando entrei na escola. Não tinha pré-escola na minha época. Eram entre trinta e cinco e quarenta alunos na mesma sala. Muitos alunos não iam à escola, porque moravam muito longe. [BEATRIZ, 2019].

O professor Pedro (2019) salienta que entrou com onze anos na escola.

Éramos quarenta alunos de 1º ao 4º ano. Um único professor numa escola precária. A comunidade ajudava na conservação da escola. A maioria das crianças era pobre, andava de pés descalços em plena geada [inverno]. Às vezes o professor fazia uma fogueira para aquecer. Não tinha lápis, se escrevia numa pequena lousa. (PEDRO, 2019).

Os docentes entrevistados lembram, que seus professores eram exigentes com as turmas, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem e também em relação a disciplina. Muitos relataram que com uma certa frequência, os alunos sofriam castigos físicos, como ajoelhar no milho e à palmatória. Como não existia cadernos, se escrevia numa pequena lousa e depois o conteúdo era apagado. Dessa forma, os discentes apresentavam dificuldades, principalmente na língua portuguesa (escrita e pronúncia), pois em casa os pais falavam a língua alemã.

Ao recordar as suas memórias, os professores entrevistados identificaram vários pontos de coincidência em seus relatos. Não obstante, compreendemos os limites e as interferências, às vezes perceptíveis e decisivas em suas recordações, ora determinadas pelos esquecimentos, que são parte da narrativa, ora causadas pela relação anacrônica entre componentes do presente e do passado recordado.

Buscamos reunir no papel impressões acumuladas, procuramos na memória particularidades que não foram registradas por escrito nas entrevistas. Evocamos os personagens que conhecemos para que auxiliassem a constituir uma nova narrativa. Talvez o mais difícil tenha sido a tentativa de organizar as histórias que foram ouvidas a acerca das narrativas na época que os docentes da Escola Aníbal Magni eram alunos. Todas as dificuldades dos mesmos, para continuar nas escolas onde completaram as primeiras séries do Ensino Fundamental.

Para finalizar, diante dos relatos de infância dos docentes, percebemos que a maioria dos envolvidos relembram suas experiências e idealizam o passado escolar. Esses sujeitos sentem-se ainda pertencentes a um mesmo grupo e desenvolvem um discurso comum. Suas memórias, evitam temas que consigam macular uma narrativa, construída como harmônica e de descobertas vividas naquele ambiente educativo.

Fontes orais

BEATRIZ [78 anos]. [out. 2019]. Entrevistador: xxxx. Selbach, RS, 17 out. 2019.

LOURDES [74 anos]. [out. 2019]. Entrevistador: xxxx. Selbach, RS, 03 out. 2019.

LÚCIA [73 anos]. [out. 2019]. Entrevistador: xxxx. Selbach, RS, 10 out. 2019.

OLÍVIO [84 anos]. [out. 2019]. Entrevistador: xxxx. Selbach, RS, 11 out. 2019.

PEDRO [82 anos]. [out. 2019]. Entrevistador: xxxx. Selbach, RS, 18 out. 2019.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BEJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Tradução de Maria Manuel Miguel e Rui Gracio. Lisboa: Europa-América, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 1997. p. 693-734.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CATANI, Denise et al. (Org.). **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

FINGER, Marcos et al. **Trabalho de Sociologia**: a história do Município de Selbach. Escola Agrotécnica Federal de Sertão, 1996.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**: reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

PREFEITURA Municipal de Selbach. **Diagnose**: estudo e análise. Secretaria Municipal de Saúde e Meio Ambiente, 1991.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Maria Cristina Backes; HOLZ, Nilsa Maria. **A história de Arroio Grande**. Tapera: Gráfica Taperense Ltda, 1999.